

---

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso. Livro I*. Tradução e apresentação de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. Edição bilíngüe. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 228p.

---

Por que um helenista traduziria e publicaria em separado o livro I da *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides? É fácil explicar. O livro I é, certamente, a parte mais importante da *História*, pois ali aparecem as principais teses do autor e as justificativas para se escrever um relato que contasse, passo a passo, o desenrolar do conflito entre atenienses e peloponésios. No livro I, Tucídides nos apresenta uma verdadeira teoria sobre a Guerra do Peloponeso. Por isso entende-se o mérito do trabalho tradutório da Professora Anna Lia Amaral de Almeida Prado, que veio a público em 1999 sob o selo da Editora Martins Fontes, a partir do texto estabelecido por Jacqueline de Romilly

Mas qual a importância do livro I dentro do conjunto da obra? Isto a Professora Anna Lia nos explica na Introdução que antecede a sua tradução. No livro I, Tucídides trata da eminência e do valor do tema do qual irá tratar, da finalidade da obra e dos seus métodos de pesquisa. Em outras palavras, ele tratará da grandeza da Guerra do Peloponeso, da correção do método que ele emprega no seu estudo e da verdadeira causa da guerra.

A respeito do método, primeiramente, é preciso dizer que a narração de fatos anteriores à guerra é um dos elementos de uma argumentação que procura, no passado, dados indispensáveis para a compreensão do conflito travado entre peloponésios e atenienses. Por isso pode-se dizer que o livro I tem uma função demonstrativa marcante, na qual a narrativa tem um papel eminente. Narrativa e demonstração são inseparáveis no livro I, pois a narração dos fatos ocorridos ao longo da guerra é condição à qual está ligada a demonstração. A reflexão sobre o passado sob perspectivas diferentes subordina-se a uma exigência demonstrativa e faz-se de acordo com o desenvolvimento da argumentação.

Na chamada *Metodologia* (I, 20-22), Tucídides critica duramente seus antecessores, os poetas e os logógrafos, dizendo que eles sempre embelezavam e aumentavam os fatos para agradar suas platéias. Por outro lado, seu objetivo, enquanto historiador, é apresentar a verdade dos fatos, mostrar os fatos como eles ocorreram, ambição que, diga-se de passagem, Ranke e os historicistas retomariam no século XIX. Ao contrário do trabalho de poetas e logógrafos, sua reconstrução é resultado de uma pesquisa histórica que tem métodos definidos claramente.

E assim podemos resumir o método tucididiano de estudo do passado: primeiro, determinação dos *tekméria*, indícios seguros fornecidos pela tradição oral e

escrita, observação do modo de vida de populações contemporâneas e vestígios de estágios antigos da civilização grega; e em segundo lugar, tratamento desses dados, através de um raciocínio baseado no *eikós*, cálculo de verossimilhança. Esse raciocínio foi tomado pelo historiador da retórica do século V, que se valia do *eikós* quando não havia possibilidade de apresentação de documentos, testemunhas, juramentos ou textos de leis. Isto vale quando se estuda o passado.

Ao estudar o presente, por outro lado, não caberia mais estabelecer indícios seguros nem de fazer inferências, mas caberia pesquisar os fatos em si, através dos *lógoi*, pensamentos que impulsionaram os acontecimentos, e dos *érga*, os atos efetivamente praticados. A esses dois elementos correspondem dois recursos de expressão: os discursos e as narrativas. Servindo-se desses recursos, Tucídides almeja a precisão (*akríbeia*) e o relato claro (*tò saphés*).

E o que Tucídides quer demonstrar com este método? Logo no começo do livro I ele deixa claro seu objetivo: ele quer mostrar que essa guerra “foi a maior para os helenos e para uma parcela dos povos bárbaros e, pode-se mesmo dizer, atingiu a maior parte da humanidade” (I, 1, 2). Ele demonstrará sua tese, na chamada *Arqueologia* (I, 2-19), argumentando que a Guerra de Tróia e a vitória sobre os bárbaros nas Guerras Médicas indicaram etapas de um crescimento progressivo dos recursos financeiros,

da marinha, do comércio e da unidade entre as cidades, condições necessárias para a realização de uma grande guerra, só alcançadas nas vésperas da Guerra do Peloponeso (Cf pág XXI da Introdução).

Outro motivo, pelo qual diz que a Guerra do Peloponeso foi a maior das guerras, é o sofrimento que ela trouxe para os que estavam envolvidos nela: jamais, em tempo igual, os homens foram vítimas de tantas desgraças seja naturais (terremotos, secas, eclipses e a peste) seja resultantes do próprio conflito (captura e devastação de cidades, exílios e mortes).

Todas essas idéias, a eminência e o valor do tema em si e a exposição do método e do propósito último da obra aparecem no “Prefácio”, a primeira parte do livro I da *História da Guerra do Peloponeso*. Na segunda parte do livro I, Tucídides realiza o estudo da guerra em si, a pesquisa das causas que levaram os dois lados a se baterem: de acordo com o historiador, a guerra começou quando atenienses e peloponésios romperam o Tratado dos Trinta Anos firmado após a tomada da Eubéia. O que ocasionou esse rompimento foram os incidentes de Corcira e Potidéia, nos quais Atenas se colocou contra os interesses dos coríntios que faziam parte da Liga do Peloponeso e eram aliados dos espartanos. Para os contemporâneos de Tucídides, esses incidentes tinham sido a causa da guerra, mas para o historiador eles tinham sido apenas a causa imediata. Mas na opinião

de Tucídides, a causa verdadeira da guerra era o temor que sentiam os peloponésios em relação ao crescimento do poderio ateniense. E para demonstrar sua tese de que a causa verdadeira da guerra era o crescimento excessivo do poder de Atenas, ele relata a história da formação do Império ateniense, na chamada *Pentecontetia* (I, 89-118, 2).

A Introdução à tradução tem as qualidades de ser abrangente e esclarecedora, alcançando assim o objetivo de preparar o leitor para o enfrentamento do texto que está em suas mãos. E um aspecto em especial chama a atenção na leitura da Introdução: a constante designação de Tucídides como ‘historiador’. Pode parecer óbvio para nós qualificá-lo com tal adjetivo. Para ele e para seus contemporâneos, contudo, certamente não era. Mas por que podemos chamá-lo ‘historiador’? Talvez, mais do que Heródoto, Tucídides seja o primeiro grego que podemos designar dessa maneira porque ele apresenta e aplica um método que busca a verdade dos fatos e coloca o homem como responsável pelos acontecimentos. Como um historiador moderno, Tucídides não narra todos os fatos ocorridos, mas somente aqueles que ele considera importantes para a compreensão da guerra. E essa seleção prévia dependeu do critério pessoal do historiador e da direção que suas teses levaram-no a tomar. Pode-se dizer que Tucídides tem uma verdadeira teoria da história. O objetivo da sua obra é “oferecer aos homens uma visão clara dos acontecimentos que se desenvolveram sob o impulso das forças sempre presentes na natureza humana” (Cf. pág. XLIV da Introdução). Como diz a Professora Anna Lia em outra passagem (pág. LV), Tucídides “procurou, na narração verídica e na precisão do relato dos fatos, os elementos para a conquista de uma visão geral da guerra, a qual pudesse interessar não só aos homens implicados diretamente naquele episódio, mas também aos homens de todos os tempos, indicando-lhes as leis do comportamento humano”.

Quanto à tradução, a Professora Anna Lia foi bastante fiel ao texto sem ficar presa a preciosismos que tornariam a versão em português desinteressante ou mesmo de difícil entendimento. O texto vertido revela a consciência que a tradutora tem das diferenças entre as formas usadas nas narrativas e as usadas para reproduzir os discursos que aparecem ao longo do livro I. Manifesta-se também a plena capacidade de interpretação do estilo tucididiano. Chamou-me a atenção, entretanto, a ortografia diferente da maneira mais comum em português de nomes como Hélada, e não o corrente Hélade, Hélien por Heleno, Fritiótida por Ftia e Posidão por Posêidon ou Posídon. Esta diferente ortografia de tais nomes revela a existência de um latente desacordo entre os tradutores acerca da grafia de muitas palavras de origem grega.

Por fim, congratulo a tradutora e a editora pela iniciativa e pela qualidade

do trabalho que vem ajudar a preencher o grande vácuo tradutório que persiste no nosso país, especialmente no que diz respeito aos autores gregos e latinos.

ROOSEVELT ARAÚJO DA  
ROCHA JÚNIOR\*  
Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas  
da Universidade de São Paulo

## NOTA

- \* Mestrando em Latim do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.